

# O COLIBRI

Jornal dedicado às senhoritas campanhenses

A ASPIRAÇÃO DO HOMEM É A SUPREMA GLÓRIA.

A ASPIRAÇÃO DA MULHER É A VENTURA EXTREMA.

GERENTE—CARLOS BAPTISTA DE MELLO

Redactoras e collaboradoras—diversas

ANNO I

Campanha, 20 de Março de 1912

NUM. 7

## Flores

Divagar sobre as flôres é-me grato ; nada ha mais sublime, suave e delicado para fecundar nosso pensamento, do que seja esse tenro rebento da planta, essa mais bella veste doada pela natureza ao reino vegetal e tambem ao reino animal.

Não vos admireis dessa minha affirmação ! tire de vosso rosto esses leves indícios de critica ás minhas palavras, caro leitor ! bani para longe de vosso pensamento a ideia de discordancia á minha asserção ! e, depois disso feito, repeti commigo — e tambem ao reino animal !

\* \* \*

Reparae a analogia existente entre a vida de uma flôr e a de um homem : vêde o tenro botão entreabrindo-se risonho, rociado pelo orvalho da manhã ; vêde a orchidea delicada desabrochando-se bella, ao receber coados por entre as frestas da folhagem de espessa matta, os raios luminosos de sol ; vêde mais tarde, a flôr já insultada pelas intemperies do tempo, murchar-se e desprender as pétalas uma a uma, deixando o pedunculo nudo, attestando a sua passada existencia.

Ponde reparo em tudo isso e haveis de encontrar extrema analogia entre a vida de uma flôr.

Reparae a creança que ri em seu bercinho de innocencia ; reparae-a bem quando, pela manhã, a extre-

mosa mãe, afastando cuidadosa o cortinado de seu leito, derrama de chofre os raios incendidos de amor de seus olhos, por sobre o rostinho formoso que alli se esconde, fazendo aquelle ente crescer lentamente ; reparae-a, em sua mocidade, trescalando vida, com a cabeça altiva em busca de uma chimera risonha, que baldamente procura deter, sustando o seu vôo intermino pelo mundo da fantasia ; reparae o homem, tempos depois, no declinar da existencia, perdendo um a um os seus dotes physicos até desapparecer, deixando a saudade como attestado eterno de sua ephemera passagem sobre a terra, assim como a flôr que se desfolha, pétala a pétala, deixa na nudez do pedunculo a prova de sua anterior existencia.

Ponde reparo em tudo isso e haveis de encontrar extrema analogia entre a vida aparente de um homem e a vida de uma flôr.

Sim, digo a vida aparente do homem, porque se o escalpelo do analista se dêsse ao trabalho de dissecar membro a membro, organo a organo o corpo enorme da nossa sociedade, havia de ahi encontrar, em maior parte, odios, rancores, vicios que rebaixam e aviltam, ao em vez de amor e sentimentos que alevantam e enobrecem. Pelo contrario, se o mesmo escalpello, guiado pelo espirito fino e cultivado de um estudioso, quizesse dissecar fibra a fibra a

delicada flôr, em um estudo demorado, só encontraria amor, amor, muito amor, a alma candida que anima esse rebento mais bello do vegetal.

Jámais duvideis da existencia dessa alma!

Contemplaes a tarde que morre acompanhada do cortejo de amenidades, proprio da primavera. O solo fecundo de nosso torrão patrio apresenta a cada canto nova especie de plantas e as plantas novas qualidades de flôres.

Tudo parece repousar, em longo descanso, da luta do dia. Não se ouve o arfar de um coração. O silencio impera, o silencio domina. A queda de uma folha resequida do ramo de um arbusto, de quando em quando, nos solicita a attenção.

Nisto o rithmico bater de ternos coraçõesinhos quebra a mudez da tarde, seguido de ruidos medrosos de beijos.

As vistas do observador, inquirendo a causa de semelhante murmurio, deparam o seio fôfo e verdejante das plantas agitado pelo cicizar da brisa, e as flôres, umas ás outras aconchegadas, deliciarem-se em osculos cheios de amor. E esses beijos, quando o pollen de uma cáe no calice-perfumado de sua enamorada, são coroados pelo nascimento de um fructo ou de uma nova planta, filha desse ~~oculo~~, ~~ma~~ ~~de~~ ~~mais~~ santo e verdadeiro amor!

Pelo que acabaes de vêr, não podeis negar a existencia da alma na flôr, e nem tão pouco que essa alma seja representada pelo amor.

Em um templo, socegado e solitario, tudo seria mudo e inanimado ante o semblante impassivel das imagens, se nos altares não sorrissem, com seus variados matizes, as flôres, que parecem encher o ambi-

ente de vida, com seu penetrante odor.

Qual é a alma poetica de uma paizagem, habilmente desenhada pela penna do escriptor, que não seja a flôr, dando realce á phrase, dando encanto ao pensamento, dando o fogo da vida á inspiração?

Ao reino mineral, com a parcialidade espendida na distribuição de suas dadivas, a natureza representou-o pela côr amarella do oiro, symbolisando assim a avareza e a discordia, o crime e a traição. E, como se isso só não bastasse, o oiro é a fonte jorradora do *interesse do eu*, esse amortalhador do *interesse da patria!* Assim é que temos nossa autoridade suprema representada pelo oiro, a nossa justiça baseada no oiro, a nossa liberdade, a nossa honra, o nosso saber, o nosso posto de collocação na escala social, tudo, tudo e tudo avaliado pelo oiro!

Contrastando com o reino mineral ahi temos o vegetal, cuja primeira dentre todas as dadivas é a flôr, esse emblema caracteristico da primavera, a mãe amorosa das flôres.

Nessa estação doce, os nossos scismares se embalam no seio das rosas e os nossos somnos se enriquecem de feiticeiros sonhos, com os beijos de mil fragancias: as frondes das ~~arvores~~ se coroam de bromelias escarlates, e os enredados cipós das trepadeiras, que unem, em vigorosos amplexos, troncos diversos, são recobertos de flores.

Tudo são flores nessa estação formosa! Os canteiros dos jardins são salpicados por flores de matizes diversos, desde o crysánthemo, á linda filha do Japão, até á perpetua roxa, scismadora e triste.

As gentis florinhas, com seu manto verde de folhas, nos infunde na alma o sentimento da esperança,

«essa inseparavel companheira de nossa vida, que nos segue como a nossa sombra na alegria e na dôr».

Oh ! formosas flores, nossas companheiras ditosas ! na solidão dolorosa de uma illusão perdida, sois, muitas vezes, o nosso consolo quando, comprimidas entre as paginas de um livro, tendes em vós inscripta com tremula calligraphia feminina, a phrase inebirante—«Amo-te»—que é ainda uma esperança a nos sorrir !

E quando jazermos hirtos e frios em nosso leito derradeiro, ainda se-reis vós, flores candidas, as nossas ultimas companheiras, cercando o nosso esquife e florescendo em nosso tumulto !

Eis a primeira das dadas feitas pela natureza, ao reino vegetal.

Ao reino animal não quiz ella lhe roubar o encanto da flor: deu-lh'a rissonha, deu-lh'a cheia de encantos, deu-lh'a fascinadora, deu-lh'a fazendo concurrencia a do reino vegetal.

Da flôr vegetal tão rapidamente vos falei que nem sequer referencia fiz ao seu perfume embriagador estonteante, delicioso. Querendo agora discorrer sobre a flor animal, temo á traição possivel de minhas ideias.

A flor animal, a mulher, não possui o perfume que penetra os mais intimos recantos de nossos pulmões proporcionando-nos um gozo suavissimo ; não possui a polychromia harmonica das petalas, mas possui, além do encanto da fórma a graça dos ademanes, a doçura do sorriso, que ora tem a meiguice do raio pallido da lua, ora o imperio de um reverbéro scintillante da luz do sol !

Aquelle dentre vós, bondosos leitores, que ainda não se viu emaranhado na rêde de uns olhares femininos, ou embalado na mystica doçura de um sorriso de mulher, poderá negar a sublimidade da flor ani-

mal ; mas, o que souber apreciar-lhe os dons, o que reconher na mulher a vida de nossa vida, a alma de nossa alma, esse não ousará jamais lhe recusar o posto devido !

Saudemos, pois, a flor animal.

Waldomiro G. Campos.

### mulher

A causa da mulher é a do homem. Elevam-se ou rebaixam-se juntos, assemelham-se a deuses ou pigmeus—escravos ou libertos—pois que ella partilha com o homem os dias, as noites, e caminha com elle para o mesmo fim.

Se é mesquinha, leviana, pobre de espirito—como se engrandecerá o homem ?

Que ella consiga tornar-se um ente pertencente a si proprio—para se dar ou guardar, viver, aprender e ser tudo que não damnifique a natureza distinctiva da mulher, porque a mulher não é um homem imperfeito—é uma creatura differente ; se a fizessemos semelhante a elle, morreria o amor ; —o seu laço mais caro não é o de semelhante para semelhante, mas de duas naturezas que, differentes, se assemelham.

Comtudo, será preciso que, com o decorrer dos annos, se tornem mais e mais semelhantes, que o homem tenha mais da mulher e que ella tenha mais do homem ; que elle ganhe em meiguice e elevação moral, sem perder os musculos de atleta que subjugam o mundo ; que ella se eleve em largueza de espirito, sem esquecer a sua missão paternal, sem que o desenvolvimento de sua intelligencia lhe roube o que nella lembra a graça da creança—até que esteja em harmonia com o homem, como uma linda musica junta á deliciosa lettra de uma canção,

A. TENNYSON.

## Maria

(MAGNUS DOLORES)

à atir e Maria

Ave Maria...

O horizonte, penumbrando por nuvensinhas pardacentas, synthetisa uma nostalgia extrema e lá, muito além, na immensidade do céu, tremeluzem nervosas e agitadas estrellas ainda somnolentas !... A lua, em sua pallidez illucida e hysterica, ergue seus alvissimos lençóes de espuma e sorri por entre bordados fólhos de doiradas orbitas !...

As proprias flores, açoitadas por uma brisa fugidia, quedam-se silenciosas na monotonia atróz das coisas naturaes, e mudas como os cadaveres que dormem na miseria do tumulto, eternamente arrancados da vida para o NADA, tremem nas hastes, como o coração humano deante da MORTE !!... A capellinha branca, no outeiro, tão queda, tem uns tons de melancolia commovente !... As almas dos mortos, lá, no Campo Santo, desprendem-se das covas como sombras phantasticas da realidade da vida !... Despertam da lethargia ensossa as primeiras aves noctivagas, com seus pios funerarios; os tremulos vagalumes, de quando em quando luzem por entre o mattagal silente e os berrachios a coaxar funereamente despertam, soltando de suas cavernas pestilentas os grunhidos deleterios, mostrando aquelles a scentelha desmaiada da vida, a estes, a cavernosa voz da viva morte !!...

—E' a hora em que vibram sensiveis as cordas de uma alma apaixonada, é a hora em que cantam saudades dos tempos que já vão longe... é o momento em que o coração delira e aneia, em que a men-

te escravizada pela dôr lateja em fumos fugidios de sonhos de amor !...

Ella, MARIA, pensativa, nacarados labios, desenvoltas as madeixas flavas, tremulas as mãos, balbuciava umas coisas indescriveis e, olhos fitos no céu, parecia soffrer e... soffria, soffria porque amava, amava porque soffria as lacerantes dores que nos vêm dos infernos do amor; eram suspiros de uma alma que padece, soluços de um peito que na dor se embuça. ....

Era a saudade que cantava !... A sua victima, a sua preza, prostrada na cabeceira do leito, como uma estatua de marmore, pallida, n'uma pallidez doentia, olhos agora sobre o livro de orações, parecia buscar naquellas paginas santas o grego, perfil daquelle que, sobre um leito soffrendo longe estava, e espezinhava-se a sua alma de santa e o seu coração de virgem e... umas lagrimas como grangrenas ensanguentadas corriam-lhe pelas faces maceradas e iam manchar a finissima cambraia bordada por suas mãos de fada, numa quietude sem fim, como uma avalanches de perfumados beijos dados a medo !...

E as horas correram. Ella, despertada, não sentira a noite passar e sua alma de peccadora, de amante sincera, não sentira um só instante os bafejos de Morpheo e quando, no dia seguinte amanhecera, ella, a virgem de madeixas flavas, era um cadaver na compustura, as suas mãos pallidas e tremulas, olheiras roxas e feições de monja falavam da sua dor, seu coração havia estalado e, como uma sombra de saudade, eil-a que passa na sua dor continua, vertendo lagrimas, lagrimas de saudade, lagrimas de amor !...

Vává.